

EDITORIAL

JOAQUIM NABUCO (1849-1910)

O homenageado nesta edição é Joaquim Nabuco, autor dos 18 volumes que compuseram o material de sua defesa da chamada Questão Pirara, em referência à região do Igarapé Pirarara, parte do território que pertencia ao Brasil e passou a ser reivindicada pela Inglaterra após a excursão de Robert Schomburgk pela Guiana Britânica. Os volumes formaram documentação que permitiu à historiografia alçar voos longos no entendimento do Vale do Rio Branco. A gratidão da população roraimense por tão significativos levantamentos históricos e defesa das fronteiras do Brasil está registrada com seu nome dado à principal praça de Boa Vista, a Praça do Centro Cívico Joaquim Nabuco.

Nascido em Recife em 19 de agosto de 1849, Joaquim Aurélio Barreto Nabuco, com poucos meses passou a morar com a família no Rio de Janeiro, quando seu pai foi eleito deputado. Antes de completar oito anos, em 1857, tornou-se interno ao colégio de Friburgo, então dirigido pelo professor bávaro barão de Tautphoeus, a quem Nabuco dedicou um capítulo em *Minha Formação*. A devoção ao professor, fê-lo acompanhá-lo para o Rio de Janeiro, quando o barão passou a ensinar no Colégio Pedro II. Lá permaneceu por cinco anos até a conclusão do curso, tendo como amigo e colega de turma, Rodrigues Alves, futuro presidente do Brasil. Em 1866 tornou-se aluno na Faculdade de Direito de São Paulo, na mesma turma de Castro Alves, Rui Barbosa, Rodrigues Alves e Afonso Pena. Quando no quarto ano, transferiu o curso para o Recife, notabilizando-se, no último ano de seus estudos na capital pernambucana, pela defesa em júri do escravo Tomás, condenado à morte por haver assassinado seu amo. Tornou-se bacharel em 1870, aos 21 anos, tendo recebido a melhor formação acadêmica que aquela época podia proporcionar.

Ainda em 1872 passou um ano na Europa, fazendo contatos com intelectuais e políticos de seu tempo. Em 1876, com ajuda de seu pai, torna-se adido nos Estados Unidos, retornando ao Brasil para ser eleito, em 1878, deputado geral pela província de Pernambuco, tornando-se primoroso orador no parlamento, defendendo causas liberais e abolicionistas. Nas eleições de 1882 para a Câmara dos Deputados, saiu-se derrotado, e sem mandato se auto exilou em Londres, de 1882 a maio de 1884, onde viveu como advogado e jornalista (representante do Jornal do Commercio do Rio de Janeiro), com tempo para escrever um dos seus principais livros, *O Abolicionismo*, publicado em 1884, ano em que de voltou para o Brasil e se lançou candidato ao Parlamento, com definidas posições abolicionistas. Mesmo eleito, suas posições abolicionistas levarão ao seu expurgo, em 1885. Monarquista convicto, abolicionista por definição, em novas eleições em 1887 foi eleito outra vez. Seu retorno ao Rio de Janeiro foi marcado por triunfo popular por conta de suas posições contra a escravidão. No ano seguinte, na regência da princesa Isabel, a Lei Áurea de 13 de maio de 1888 foi promulgada.

Quando ideais republicanos estavam se tornando frequentes nos debates políticos, Nabuco insistia no que acreditava ser uma monarquia federativa, posição totalmente contrária ao programa político de seu partido. Mesmo sem se iludir com a política, ainda se elegeu pela última vez para a legislatura que deveria inaugurar-se a 20 de novembro de 1889, feito que jamais se concretizou. O golpe militar de 1889 pôs fim a sua carreira política, lançando-o num amargo exílio; exílio as vezes atenuado pela elaboração de sua análise da vida parlamentar e social do Império. Dizendo que em francês conseguia pensar melhor, sempre manteve reuniões com monarquistas em sua casa no Botafogo, na embaixada em Londres e depois Washington (capital do país que ele pensava ser preferência para a diplomacia brasileira), onde falava em francês a poucos diplomatas. Por dez anos guardaria o luto da monarquia.

Mesmo entristecido com o açodado movimento republicano e o golpe que levou o Imperador do Brasil ao exílio, em março de 1899 aceitou o convite para defender o Brasil no arbitramento com a Guiana Britânica, na chamada “Questão Pirara”, na mesma ocasião em que acabara de completar 50 anos.

Com um pequeno grupo de auxiliares, Nabuco escreveu dezoito tomos da *Mémoire*, entregue ao árbitro em 1903, ao jovem rei da Itália, Vitor Emanuel III, que em junho de 1904 julgou que nenhuma das partes tinha demonstrado de forma completa os direitos apresentados. Concluiu que o correto seria dividir entre os dois litigantes o território disputado, contudo favorecendo a Inglaterra com 19 mil km² quadrados, contra 13 mil km² para o Brasil. A desconsideração das provas apresentadas por ele ao rei italiano, somou-se à decepção pelo fim monarquia por um golpe militar. Duas mágoas que ele carregaria até à morte.

A *Mémoire* é uma fonte de entendimento da dinâmica socioeconômica do Vale do Rio Branco, quando dos primeiros contatos feitos por brasileiros, holandeses e espanhóis na região. Sem ser antropólogo, historiador, geógrafo ou etnólogo, pelas descrições precisas de acidentes geográficos, rios e indígenas em suas interações entre si e com o colonizador, bem como a farta documentação levantada, elaboração de mapas e exposição de relatórios da administração colonial, bastam para destaca-lo como o mais brilhante conhecedor dessa nossa região, em suas múltiplas singularidades. Esclareceu que os direitos do Brasil à região contestada eram indiscutíveis diante de farta documentação arrolada, provando ser incontestada a ocupação luso-brasileira desde o alto Maú até à bacia do rio Rupununi. Demonstrou com documentos que Ajuricaba, mencionado com o herói pela memória inglesa, era um aliado holandês facínora, que comerciava escravos capturados em aldeias dos rios Negro e Branco.

Nos anos finais de sua vida começou a sofrer de surdez e de *policitemia vera*, cujo excesso de glóbulos vermelhos trouxe-lhe envelhecimento precoce. Após completar 60 anos, faleceu em Washington, em 17 de janeiro de 1910. Passados 111 anos de seu falecimento, fica aqui a homenagem deste **Boletim** a esse brasileiro notável, a quem nós roraimenses temos admiração e respeito.

FONTES: FREIRE, G. Joaquim; NABUCO, C. Vida; NABUCO, J. Diários; NABUCO, J. Estadista; NABUCO, J. Obras; RICUPERO, R. Joaquim Nabuco; MENCK, J. Questão Pirara.

Carlos Borges

(Editor-chefe)

DOI 10.24979/bolmirr.v14i01